



O Rouxinol *Nattergalen* (1843)

Na China, como bem sabes, o imperador é chinês, e todos quantos tem à sua volta são chineses. Já lá vão muitos anos, mas precisamente por isso merece a pena ouvir esta história, antes que seja esquecida!

O palácio do imperador era o mais faustoso do mundo, inteira e completamente de porcelana fina, tão valorosa, mas tão frágil. Tão sensível a qualquer toque, que havia verdadeiramente que tomar-se atenção. No jardim viam-se as flores mais estranhas e nas mais esplendorosas estavam atadas campainhas de prata que tinham para que não se passasse por elas sem as notar. Sim, no jardim do imperador tudo estava perfeitamente planeado e estendia-se até tão longe que o próprio jardineiro não sabia onde terminava. Se se continuava a andar, entrava-se no mais esplêndido bosque com árvores altas e lagos fundos. O bosque estendia-se até ao mar, que era azul e profundo. Grandes barcos podiam navegar e penetrar sob as ramagens destas árvores e nelas vivia um rouxinol que cantava de forma tão abençoada que até mesmo o pescador pobre, que tinha tantas outras coisas com que se preocupar, se quedava a escutá-lo, quando de noite saía para lançar a rede e calhava ouvi-lo. «Santo Deus, como este canto é belo!», dizia, mas tinha de pensar na sua vida e esquecia o pássaro. Contudo, na noite seguinte, quando o rouxinol volta-

va a cantar e o pescador andava por ali, exclamava o mesmo: «Santo Deus, como este canto é belo!»

De todos os países do mundo vinham viajantes admirar a cidade imperial bem como o palácio e o jardim. Mas quando ouviam o rouxinol, afirmavam: «Isto é o melhor de tudo!»

Os viajantes falavam disso quando regressavam e os letrados escreviam muitos livros sobre a cidade, o palácio e o jardim, mas não se esqueciam do rouxinol, que era posto acima de tudo. E os que sabiam poetar escreviam as mais belas poesias, todas sobre o rouxinol do bosque, junto ao mar.

Os livros circularam pelo mundo e alguns deles chegaram uma vez às mãos do imperador. Este sentou-se na sua cadeira de ouro, pôs-se a ler, a ler, e foi lendo. Acenava a todo o momento com a cabeça, pois agradava-lhe ler as maravilhosas descrições da cidade, do palácio e do jardim. «Mas o rouxinol é bem o melhor de tudo», também estava lá escrito.

– O que é isto? – exclamou o imperador. – Um rouxinol? Nada sei disso! Existe tal pássaro no meu império, precisamente no meu jardim? Nunca ouvi falar de tal coisa! E disto tenho de saber através da leitura?

Chamou pelo seu cavaleiro-às-ordens, que era tão distinto que, quando alguém que lhe era inferior se atrevia a dirigir-lhe a fala ou a perguntar-lhe alguma coisa, não lhe respondia senão com um «pe!», que nada significava.

– Deve haver aqui um pássaro extraordinariamente notável que se chama rouxinol! – disse o imperador. – Dizem que é o melhor de tudo no meu grande império! Porque não me falaram dele?

– Nunca ouvi mencioná-lo! – disse o cavaleiro-às-ordens. – Não foi apresentado na corte!

– Quero que venha aqui hoje à noite e cante para mim! – disse o imperador. – Todo o mundo sabe o que tenho e eu não sei!

– Nunca ouvi mencioná-lo! – respondeu o cavaleiro-às-ordens. – Vou procurá-lo e hei-de encontrá-lo!

Mas onde iria procurar? O cavaleiro-às-ordens subiu e desceu, a correr, todas as escadas, percorreu salas e corredores, Nenhuma das pessoas que encontrou ouvira falar do rouxinol. O cavaleiro-às-ordens voltou a correr para o imperador e disse que devia ser certamente uma história inventada por essa gente que escreve livros.

– Vossa Majestade Imperial não deve crer em tudo o que se escreve! São invenções. É o que se chama magia negra!

– Mas o livro onde li isso – disse o imperador – foi-me enviado pelo muito poderoso imperador do Japão e, portanto, não pode ser falso. Quero ouvir o rouxinol! Tem de estar aqui hoje à noite! Concedo-lhe a suprema graça de vir à minha presença! Se não vier, toda a corte levará açoites na barriga depois de ter ceado.

– *Tsing-pe!* – disse o cavaleiro-às-ordens, e voltou a correr, a subir e a descer todas as escadas, a percorrer todas as salas e corredores, e meia corte corria com ele, pois não tinham nenhuma vontade de levar açoites na barriga. Era um perguntar por toda a parte pelo rouxinol que o mundo inteiro conhecia, mas não a corte.

Por fim encontraram uma pobre rapariguinha na cozinha. Disse ela:

– Oh! Deus, o rouxinol! Conheço-o bem! Sim, como sabe cantar! Tenho autorização para levar todas as noites um pouco dos restos da mesa para casa, para a minha pobre mãe doente. Vive lá em baixo na praia e, quando regresso, estou cansada e repouso no bosque, oiço então o rouxinol a cantar! Fico com os olhos húmidos. É como se a minha mãe me beijasse!

– Cozinheirazinha! – disse o cavaleiro-às-ordens. – Arranjar-lhe-ei um lugar certo na cozinha e permitir-lhe-ei ver o imperador comer, se nos souber levar ao rouxinol, pois a sua presença foi anunciada para hoje à noite!

Precipitaram-se todos para o bosque, onde o rouxinol costumava cantar. Acompanhava-os meia corte. Enquanto caminhavam, ouviram uma vaca a mugir.

– Oh! – disseram os pajens da corte. – Temo-lo agora! Há realmente um vigor extraordinário num animal tão pequeno! Já o ouvi com toda a certeza!

– Não! São as vacas que mugem! – disse a cozinheirazinha. – Estamos ainda longe do lugar.

Coaxaram depois as rãs no charco.

– Maravilhoso! – disse o deão do palácio. – Oiço-o agora, é como sinozinhos de igreja!

– Não! São as rãs! – disse a cozinheirazinha. – Mas penso que em breve o vamos ouvir.

Então começou o rouxinol a cantar.

– É ele – disse a rapariguinha. – Oiçam! Oiçam! Está ali! – E apontou para um passarinho cinzento pousado nos ramos.

– É possível? – disse o cavaleiro-às-ordens. – Nunca o tinha imaginado assim! Como parece insignificante! Certamente perdeu as cores ao ver tanta gente distinta à sua volta!

– Rouxinolzinho! – gritou a cozinheirazinha bem alto. – O nosso magnânimo imperador gostaria muito que cantasses para ele!

– Com o maior gosto – respondeu o rouxinol, e logo cantou que era uma maravilha.

– É como as campainhas de vidro! – disse o cavaleiro-às-ordens. – Vede a gargantazinha, como se esforça! É estranho que nunca o tenhamos ouvido! Fará grande sucesso na corte!

– Devo cantar mais uma vez para o imperador? – perguntou o rouxinol, que julgava que o imperador estava ali.

– Meu excelente rouxinolzinho! – disse o cavaleiro-às-ordens. – Tenho a grande alegria de vos convidar para uma festa na corte, esta noite, na qual deliciareis Sua Alta Graça Imperial com o vosso canto fascinante!

– É mais bonito no campo! – disse o rouxinol, mas acompanhou-os de bom grado, quando ouviu dizer que o imperador assim o queria.

No palácio foi posto tudo convenientemente a luzir. Paredes e pavimentos, que eram de porcelana, brilhavam com a luz de milhares de lamparinas de ouro. Nos corredores foram colocadas as flores mais belas, que podiam verdadeiramente tinir. Era um movimento e uma aragem tais que faziam soar todas as campainhas, que ninguém conseguiu ouvir uma palavra.

No meio da grande sala onde o imperador estava sentado fora colocado um poleiro de ouro e nele devia pousar o rouxinol. Toda a corte estava aí e a cozinheirinha recebeu autorização para ficar de pé, por detrás da porta, pois tinha agora o título de cozinheira absoluta. Trajavam todos as suas melhores galas e olhavam para o passarinho cinzento, ao qual o imperador acenou.

O rouxinol cantou tão bem que vieram as lágrimas aos olhos do imperador. Correram-lhe pelo rosto. Quando o rouxinol cantou ainda melhor, o seu canto foi direito ao coração. O imperador ficou tão contente que disse que o rouxinol receberia as suas chinelas de ouro para trazer à volta do pescoço. Mas o rouxinol agradeceu dizendo que já recebera recompensa suficiente.

– Ver as lágrimas nos olhos do imperador é para mim o mais rico tesouro! As lágrimas de um imperador têm um poder maravilhoso! Deus bem sabe que estou suficientemente recompensado. – E voltou a cantar com a sua voz maviosa e abençoada.

– É o mais amável galanteio que conheço – disseram as damas em redor, que começaram a pôr água na boca para gorgolejar, quando alguém falava com elas. Imaginavam que, deste modo, também pareciam rouxinóis. Até mesmo os lacaios e as criadas de quarto deixaram saber que eles também estavam satisfeitos. Isso tinha muita importância, pois são as pessoas mais

diffíceis de contentar. Não havia dúvida, o rouxinol fizera bastante sucesso!

Ficaria agora na corte e teria a sua própria gaiola, bem como a liberdade de passear na natureza duas vezes por dia e uma vez de noite. Recebeu também doze criados. Tinham todos uma fita de seda ligada à perna do rouxinol e seguravam-na firmemente. O rouxinol sentia-se preso. Para ele não havia nenhum prazer nesses passeios.

Toda a cidade falava do notável pássaro e se duas pessoas se encontravam, uma só dizia «rouxi!», e a outra respondia «nol!», e depois suspiravam e entendiam-se uma com a outra. Até onze filhos de um merceeiro receberam o seu nome, mas nenhum deles deu tom que se ouvisse em vida...

Um dia chegou uma grande encomenda para o imperador. Por fora estava escrito: *Rouxinol*.

– Temos aí um livro novo sobre o nosso pássaro célebre! – disse o imperador. Não era, porém, nenhum livro, mas uma pequena obra de arte dentro de uma caixa, Um rouxinol artificial, que devia imitar o vivo, e que estava completamente guarnecido com diamantes, rubis e safiras. Logo que se dava corda ao pássaro artificial, este punha-se a cantar uma das peças que o verdadeiro cantava e a cauda movia-se para cima e para baixo, brilhando como prata e ouro. No pescoço suspendia-se uma pequena fita, onde estava escrito: «O rouxinol do imperador do Japão é pobre perante o do imperador da China.»

– É maravilhoso! – disseram todos, e a pessoa que trouxe o pássaro artificial recebeu logo o título de «portador-mor do rouxinol imperial».

– Agora têm de cantar juntos! E que tal um dueto!

E assim tiveram de cantar juntos, mas não deu resultado, pois o rouxinol verdadeiro cantava à sua maneira e o pássaro artificial funcionava com rolos.

– Não tem culpa – disse o mestre de música. – Respeita os compassos e é inteiramente da minha escola!

O pássaro artificial teve então de cantar sozinho. Fez tanto sucesso como o verdadeiro e era muito mais engraçado vê-lo, brilhava como braceletes ou alfinetes de peito.

Cantou trinta e três vezes a mesma peça musical e nunca ficou cansado. As pessoas tê-lo-iam ouvido ainda mais, mas o imperador foi de opinião de que agora também devia cantar um pouco o rouxinol vivo... mas onde estava ele? Ninguém dera por isso, mas ele voara pela janela aberta lá para longe, para o seu bosque verde.

– Mas que vem a ser isto? – perguntou o imperador, e todos os cortesãos descompuseram o rouxinol e declararam que era um animal altamente ingrato. – Temos, contudo, o pássaro melhor! – disseram, e assim o pássaro artificial teve de voltar a cantar e pela trigésima quarta vez ouviram a mesma peça musical. Mas nem mesmo assim ficaram a conhecê-la, pois era muito difícil, e o mestre de música elogiou extraordinariamente o pássaro, assegurou mesmo que era melhor do que o verdadeiro, não só no que respeitava ao vestuário e aos muitos belos diamantes, mas também interiormente.

– Pois vejam bem, minhas senhoras e meus senhores, o imperador acima de todos! Com o rouxinol verdadeiro nunca se pode contar com o que vai vir, mas com o pássaro artificial tudo está fixado! É assim e não de outro modo! Pode explicar-se, pode abrir-se e mostrar a obra do pensamento humano, onde estão os rolos, como funcionam e como um se segue ao outro...

– É exactamente o que pensamos! – exclamaram todos. E o mestre de música recebeu autorização de, no domingo seguinte, mostrar o pássaro ao povo. Também devia ouvi-lo, disse o imperador. Ouviu-o e ficou tão contente como se se tivesse alegrado com um simples chá, o que é bem chinês. Disseram todos «oh!»

e puseram o dedo no ar, o que chamam lambedor, e acenaram com a cabeça. Mas o pobre pescador que tinha ouvido o rouxinol verdadeiro disse:

– Soa bastante bem, é também parecido, mas falta-lhe algo, não sei o quê!

O rouxinol verdadeiro foi banido do país e do império.

O pássaro artificial teve o seu lugar numa almofada de seda bem junto do leito do imperador. Todas as ofertas que recebeu, ouro e pedras preciosas, estavam à sua volta e em título ascendeu a «cantor-mor de mesinha-de-cabeceira de Sua Alteza Imperial», em categoria número um do lado esquerdo, pois o imperador contava esse lado como sendo o mais distinto, no qual estava o coração, e o coração fica à esquerda, mesmo num imperador. Entretanto o mestre de música escreveu vinte e cinco volumes sobre o pássaro artificial. Eram tão eruditos e tão longos e com as palavras chinesas mais difíceis, que todas as pessoas diziam que os tinham lido e compreendido, pois senão teriam sido consideradas estúpidas e levado açoites na barriga.

Assim passou todo um ano. O imperador, a corte e todos os outros chineses conheciam de cor o mais pequeno gorjeio do canto do pássaro artificial, e, por essa razão, lhes parecia ser isso o melhor de tudo. Podiam cantar ao mesmo tempo e assim faziam. Os rapazes da rua cantavam «zizizi – clucluclu» e o imperador também. Sim, era verdadeiramente belo!

Mas uma noite em que o pássaro artificial estava no melhor do seu canto e o imperador deitado na cama a ouvi-lo, soou dentro do pássaro um «tze», saltou algo, «tre», todas as rodas andaram à volta e a música parou.

O imperador saltou logo da cama e mandou chamar o médico da corte, mas que podia ele fazer! Mandou então chamar o relojoeiro, que, depois de muito falar e de muito mirar, conseguiu pôr o pássaro minimamente em condições, mas disse que

devia ser poupado, pois estava bastante gasto nos dentes das rodas e não era possível substituí-las, de modo a que funcionasse certo com a música. Foi um grande desgosto! Só uma vez por ano se podia deixar o pássaro artificial cantar e mesmo assim com bastante dificuldade.

Então o mestre de música fez um pequeno discurso com palavras difíceis, afirmando com autoridade que ficara tão bom como antes.

Passaram cinco anos, quando todo o país sofreu um desgosto verdadeiramente grande, pois, no fundo, todos gostavam muito do seu imperador. Estava doente e não viveria muito tempo, dizia-se. Um novo imperador fora já escolhido e o povo parava na rua e perguntava ao cavaleiro-às-ordens como estava o imperador.

– Pe! – dizia ele, sacudindo a cabeça.

Frio e pálido, o imperador jazia no seu leito grande e sumptuoso. Toda a corte acreditava que estava morto e todos os cortesãos o abandonaram para correrem a saudar o novo imperador. Os camareiros saíram para tagarelar sobre o acontecimento e as criadas do palácio juntaram-se em grande sociedade para tomar café e tagarelar também. À volta, em todas as salas e corredores, tinham sido estendidos panos para que não se ouvissem as pessoas a andar e, portanto, era por toda a parte um grande silêncio! Mas o imperador ainda não estava morto. Rígido e pálido jazia no leito sumptuoso com grandes cortinados de veludo e borlas pesadas de ouro. Lá em cima, bem alto, estava uma janela aberta e o luar entrava brilhando sobre o imperador e o pássaro artificial.

O pobre imperador quase não podia respirar, era como se algo lhe pesasse sobre o peito. Abriu os olhos e viu então que era a Morte que estava sentada sobre o seu peito, tendo na cabeça a sua coroa de ouro, segurando numa mão o sabre de ouro impe-

rial e na outra o seu belo estandarte. À volta das pregas dos grandes cortinados de veludo do leito espreitavam cabeças estranhas, umas bem feias, outras de traços admiravelmente suaves. Eram todas as acções boas e más do imperador, que o olhavam, agora que a Morte estava sentada sobre o seu coração.

– Lembras-te disto? – murmurava uma após outra. – Lembras-te disto? – E tantas coisas lhe contavam que o suor lhe corria da testa.

– Nunca o soube – dizia o imperador. – Música, música! O grande tambor chinês! – gritou. – Para não ouvir o que dizem!

No entanto elas continuavam a contar e a Morte inclinava a cabeça, como um bom chinês, a tudo o que diziam.

– Música, música! – gritava o imperador. – Tu, maravilhoso passarinho de ouro! Canta, anda, canta! Dei-te ouro e preciosidades, eu próprio te pendurei as minhas chinelas de ouro ao pescoço. Canta, vá, canta!

Mas o pássaro ficou imóvel, não havia ninguém ali que lhe desse corda, pelo que não podia cantar. A Morte, porém, continuava a olhar para o imperador com as suas grandes órbitas vazias e tudo era silêncio, um silêncio terrível.

Então soou de repente, junto à janela, o mais belo canto. Era o rouxinolzinho vivo que pousara num ramo lá fora. Tinha sabido da agonia do seu imperador e viera para lhe cantar consolação e esperança. E à medida que cantava esvaneciam mais e mais as figuras, o sangue corria mais e mais rápido nos fracos membros do imperador e a própria Morte escutava e dizia:

– Continua, rouxinolzinho, continua!

– Quero que me dêes o belo sabre de ouro! Sim, queres dar-me o rico estandarte? Queres dar-me a coroa imperial?

A Morte dava cada um destes tesouros por um canto e o rouxinol continuava sempre a cantar. Cantou sobre o cemitério tranquilo, onde crescem as rosas brancas, onde o sabugueiro

perfuma o ar e onde a erva fresca é regada pelas lágrimas dos sobreviventes. Então a Morte sentiu saudades do seu jardim e deslizou como uma névoa fria e branca pela janela fora.

– Obrigado, obrigado! – disse o imperador. – Tu, passarinho celestial, conheço-te bem! Bani-te do meu país e império! Contudo, vieste cantar para que as visões terríveis desaparecessem do meu leito. Conseguiste que a Morte saísse do meu coração! Como posso recompensar-te?

– Já me recompensaste! – disse o rouxinol. – Recebi lágrimas dos teus olhos, na primeira vez que cantei, nunca me esqueço! São as jóias que verdadeiramente alegram o coração de um cantor! Mas agora dorme, recompõe-te e fortalece-te! Vou cantar para ti.

Cantou depois... e o imperador caiu num doce sono. Ai! Como era suave e benfazejo esse sono!

O Sol entrava pelas janelas quando acordou fortalecido e são. Nenhum dos seus servidores tinha voltado, pois pensavam que estava morto, mas o rouxinol lá estava ainda. E cantava.

– Tens de ficar sempre comigo! – disse o imperador. – Cantarás quando quiseres e ao pássaro artificial vou parti-lo em mil pedaços.

– Não faças isso! – pediu o rouxinol. – Ele fez o melhor que pôde! Guarda-o como até aqui! Não posso morar no palácio, mas permite que venha, quando me apetecer. Pousarei à noite naquele ramo junto à janela e cantarei para ti, para que te alegres e medites igualmente. Cantarei a gente feliz e a gente que sofre. Cantarei o mal e o bem, que à tua volta se mantém oculto. O passarinho cantor voa até longe aqui à volta, até ao pobre pescador, até ao telhado da cabana do camponês, a todo o lugar que está longe de ti e da tua corte. Gosto mais do teu coração do que da tua coroa e, contudo, a coroa tem um esplendor algo sagrado à sua volta. Voltarei e cantarei para ti... mas uma coisa tens de prometer-me!

– Tudo! – disse o imperador, que agora se apresentava no seu traje imperial, que ele próprio vestira, e sustendo o sabre, de ouro maciço, erguido contra o coração.

– Uma coisa te peço: não contes a ninguém que tens um passarinho que te diz tudo. Será assim melhor.

E o rouxinol voou para longe.

Os servidores entraram para verem o seu imperador morto... pois bem, quando ali chegaram, este disse-lhes:

– Bom dia!